



SANDEL, Michael J. **Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética.** Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 160p.

José Neivaldo de Souza*

Engenharia Genética: busca da mercadoria perfeita?

Michael Sandel, um dos filósofos mais discutidos na atualidade, é pesquisador e professor nas Universidades de Sorbone e Harvard. Conhecido por suas conferências sobre ética, justiça e mercado, o polêmico filósofo, ainda que contestado, tem boa aceitação entre os estudiosos de Teologia, Direito, Economia, Sociologia e Ciências políticas. Entre suas obras, as principais são: *Justiça: o que é fazer a coisa certa*, traduzida pela editora Civilização Brasileira em 2011; *O que o dinheiro não compra*, pela mesma editora em 2012 e, por último, em 2013, *Contra a perfeição*, também pela Editora Civilização Brasileira.

Contra a Perfeição possibilita boa reflexão acerca dos princípios éticos aplicados à engenharia genética. Aborda diversos problemas, alguns mais relevantes, tais como: o melhoramento físico, atletas biônicos, confronto de eugenias e a relação domínio e talento.

Resenha recebida em 05 de abril de 2014 e aprovada em 15 de abril de 2014.

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP) e Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR). Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. País de origem: Brasil. E-mail: neivaldo.js@gmail.com.

Ao tratar da ética do melhoramento, o autor apresenta alguns casos dignos de serem ressaltados: 1) Um casal de lésbicas surdas decide ter um filho e, por não considerar a surdez uma deficiência, procura um doador cujo histórico tenha cinco gerações de surdez. Elas conseguem que o filho nasça surdo; 2) outro casal oferece US\$ 50 a uma doadora de óvulo que tenha 1,80 metro de altura, com um bom histórico de saúde familiar e QI alto. O primeiro caso, segundo este autor, foi bem polêmico, ao contrário do segundo. Seria a falta de altura e de porte atlético deficiências das quais as crianças devem ser poupadas? Eis um problema levantado por Sandel como um persistente “mal-estar moral”. A ideologia do “melhoramento” se coloca à nossa reflexão como algo manipulador da natureza humana.

Para o autor, também o problema da clonagem, da seleção do sexo e terapia muscular são questões a serem repensadas, pois não são poucas as argumentações que apontam para o fato da perda da autonomia da criança. Uma terapia manipulada, não a favor da cura, mas em prol de “melhoramentos” da saúde natural, deve ser questionada: “o que começou como tentativa de tratar uma doença ou prevenir um distúrbio genético hoje acena como um instrumento de melhora e uma escolha de consumo”. Técnicas criadas para a detecção de anomalias genéticas baseadas no ultrassom e na amniocentese, hoje favorecem também ao descarte de bebês, baseadas na seleção do sexo. Esta é uma realidade. Segundo Sandel, entre oito mil abortos feitos numa clínica de Mumbai, apenas um não foi por questão de escolha de sexo. Outra terapia genética utilizada para detectar e conter a distrofia muscular é aplicada como “endocrinologia cosmética” em atletas, com o objetivo de alterar seus músculos e seu desempenho.

Essa indústria do “melhoramento” pode se tornar um “sonho de consumo” acessível a poucos, dispostos a gastar fortunas, em detrimento de muitos que devem se contentar com a encomenda favorecida pela própria natureza. A criação de “atletas biônicos” pela nova genética é um problema a ser questionado, pois pode ameaçar a autonomia, a capacidade de ação e os esforços humanos. Uma coisa é a vitória enquanto resultado de talentos, dedicação e disciplina; outra coisa

é a vitória, resultado de esteroides e músculos geneticamente melhorados, como bem observa o autor: “o verdadeiro problema dos atletas geneticamente modificados é que eles corrompem a competição esportiva enquanto atividade humana que honra o cultivo e a exibição de talentos naturais”.

O desejo dos pais, muitas vezes, está na base destes problemas. São “Filhos projetados” pelos “pais projetistas”. Uma reflexão ética orienta os pais a valorizar os filhos como dádivas e a aceitarem o inesperado, o humano que ali surge naturalmente. Quando os pais procuram controlar o mistério do nascimento, privam aos filhos da dádiva natural e perdem a possibilidade de cultivar a humildade e a abertura ao inesperado. É dever dos pais promover os filhos, porém, quando esta excelência se limita ao melhoramento genético, expressa de certa forma uma adesão à perfeição artificial em detrimento da natureza.

São questões que, segundo Sandel, levam a diferenciar a velha da nova eugenia. A velha eugenia, ligada ao racionalismo, teve origem no século XIX. Seu propósito era produzir uma raça de talentosos a partir de pessoas “bem-nascidas”, por gerações consecutivas, e evitar reproduções de pessoas com genes defeituosos como: doentes mentais, prisioneiros e miseráveis. Esta ideologia se espalhou nos EUA e Europa, particularmente na Alemanha de Hitler que, em 1933, promulgou a lei de esterilização dos desqualificados. A nova eugenia “privatizada”, ou chamada de “livre mercado”, tem intenções mais atuais. Modelos podem lançar no livre mercado suas fotos e proporem abertamente leilões de óvulos. Para Sandel, a eugenia liberal, “não é um movimento de reforma social, mas uma forma de pais privilegiados terem o tipo de filho que desejam e armá-los para o sucesso numa sociedade competitiva”.

A perda do “talento” em prol do “domínio” deixa crianças, geneticamente melhoradas pelos pais, em “dívida” e não em “dádiva”. A “dívida” que se tem, pelo próprio destino e o futuro dos filhos, se reveste em prejuízo à solidariedade e ao cuidado com os menos afortunados: “podemos compreender a noção de dádiva, e

sentir seu peso moral, independentemente de atribuirmos a origem dessa dádiva a Deus”. Quando o melhoramento passa do vício do indivíduo a um hábito ou um modo de vida justificável, torna-se questão de ética. Será que, entre tais hábitos, podemos dizer que o mais atual e com o objetivo de melhorar os desqualificados é melhor do que o antigo: o de seleção e eliminação?

O autor critica a eugenia e propõe a vida como uma dádiva, um dom inalienável; propõe que se faça uma diferenciação ética entre curar e melhorar. O uso das células-tronco, apesar de contestado por muitos, pode curar diabetes, mal de Parkinson e lesões musculares. A questão que se coloca é: a vida de um depende da morte de outro? Para este autor, o blastocisto não é um feto ou um embrião, mas um grupo de 180 a 200 células crescendo numa placa de Petri; estas células estão ainda num estágio primitivo e podem se transformar em qualquer órgão. Apesar de estar vivo, o blastocisto não é uma pessoa, ainda que a ética aristotélica o tenha como um humano em potência. Um bebê e um blastocisto são diferentes no sentido moral da questão.

Há que diferenciar: “a pesquisa com células-tronco voltada para a cura de doenças debilitantes que utiliza blastocistos não implantados é um exercício nobre do engenho humano para promover a cura e desempenhar nosso papel de reparar o mundo dado.” A solução, segundo ele, não é banir as pesquisas com células-tronco embrionárias e a clonagem para fins de pesquisa, mas permitir sua continuidade com restrições morais adequadas à natureza humana.

Há uma diversidade de temas tratados com muito cuidado e responsabilidade nesta obra. Em seu livro: *O que o Dinheiro não compra*, Sandel concorda que há coisas boas na vida que, quando transformadas em mercadorias, são corrompidas e degradadas. Questões de saúde, educação, vida familiar, natureza, arte, deveres cívicos etc., não são mercadorias a serem negociadas visando lucro, mas questões de vida que se colocam à reflexão moral e política: “Desse modo, para decidir em que circunstâncias o mercado faz sentido e quais

aquelas em que deveria ser mantido à distância, temos de decidir que valor atribuir aos bens em questão” (SANDEL 2012, p. 16) .

Os escritos de Sandel, principalmente *Contra a perfeição*, motivam a uma reflexão mais profunda pelos caminhos da bioética e nos ajudam a entender melhor algumas posições sérias, como as de Hans Jonas e Jürgen Habermas, acerca do princípio da vida. A obra é indicada a todos os acadêmicos, e aos não acadêmicos, que têm a “vida” como o tema mais importante posto ao pensamento.